

Silvana de Sousa Pinho*

Rosário de Orelhas: memória mítica de Fideralina Augusto de Lima

RESUMO: Este artigo tem como temática a história de vida pública e privada, de dona Fideralina Augusto de Lima, representante do mandonismo na vida política interiorana do Ceará, no final do século XIX e início do XX. Analisamos os sentidos da memória mítica, relativos a dona Fideralina, na narrativa popular, como representação das culturas orais, que subsistem em meio a “nova” oralidade das linguagens tecnológicas.

Palavras-chave:
Memória/Oralidade;
Identidade; Público/
Privado

I Cenários, fatos e personagem

A construção biográfica de dona Fideralina Augusto de Lima, (1832-1919), dispõe de um patrimônio cultural composto de bens móveis, imóveis, utensílios, documentos, uma memória popular de sua vida pública e privada, além da memória de descendentes consangüíneos.¹ Detalhes esdrúxulos, geradores de curiosidades sobre sua vida pessoal é uma característica marcante na construção da sua história de vida.

As interpretações produzidas sobre os objetos e informações disponíveis constituem um manancial de constantes recriações populares, mas elas não são curiosidades mercadológicas da sua intimidade ou voyeurismo. (SCHMIDT in GUAZZELLI: 2000: 122). Denominaremos de “memórias míticas” as recriações biográficas sobre dona Fideralina produzidas após a sua morte. Essas memórias estabelecem relações de identidade e alteridade, expressas por meio da oralidade. As relações identitárias ocorrem através da repetição dos feitos da personagem, assegurando sua permanência na memória popular. A alteridade se manifesta nas formas de narração que negam essa memória.

¹ Por patrimônio cultural utilizamos a seguinte definição da historiadora Rosa Godoy: ‘toda produção humana, de ordem emocional, intelectual e material, independente de sua origem, época ou aspecto formal, bem como a natureza, que propiciem o conhecimento e a consciência do homem sobre si mesmo e sobre o mundo que o rodeia. Cf. (ORIÁ, Ricardo. In BITTENCOURT: 1998: 132).

As memórias míticas identitárias entre seus conterrâneos são narradas de forma a engrandecê-la, tornando-a símbolo de um poder local, que ressalta o seu vigor e determinação nos atos e decisões tomadas. Nas relações de alteridade, verifica-se a tentativa de restabelecer sua integridade moral, negando ou reinterpretando os seus feitos como exageros ou fantasias populares.

A biografia sobre dona Fideralina, expressa, especialmente, de modo oral, presente no imaginário popular, produziu novos sentidos: “sua história foi sendo construída a partir de sedimentos diferentes, de variadas temporalidades”. (XAVIER: 2000: 172) Desse modo, como afirmou Regina Xavier, não é possível reduzir uma biografia ao tempo cronológico de uma vida. Essa amplitude cronológica justifica a metodologia utilizada neste trabalho em que foram entrevistadas pessoas extemporâneas de dona Fideralina, mas que através da oralidade recriam “imagens e representações sempre renovadas da sua vida”. (XAVIER in GUAZZELLI: 2000: 170). Assim, analisaremos os significados e sentidos da “memória mítica” para os entrevistados, enquanto práticas das culturas orais. Para tanto, baseamo-nos nas análises de Walter Ong (1998), sobre as formas de narrativas relativas às culturas orais, que ainda hoje subsistem em meio à “nova” oralidade das linguagens tecnológicas.

O contato com a história de Fideralina ocorreu desde a realização de uma aula de campo² em janeiro de 2000, em Lavras da Mangabeira, em que conhecemos vários espaços da memória local. Entre eles, visitamos as duas casas de dona Fideralina, a primeira, situada na sede do município, à rua Idelfonso, (antiga rua Grande) e a segunda no sítio Tatu. Na primeira, estava residindo dona Maria Correia, parente de Fideralina, falecida no início de 2003. Na visita, dona Maria Correia, com mais de 90 anos de idade, não cedeu às imposições de suas condições físicas. Com satisfação, entre lágrimas e sorrisos falava dos objetos e fotografias da família, num exercício de lembranças que se encerrou com a execução de peças musicais em um antigo piano pertencente à família.³

² A coleta de informações que se segue sobre a memória de dona Fideralina resultou na elaboração de um texto, que denominados de “Fatos e Mitos”.

³ Atualmente, com a morte de dona Maria Correia, a referida casa encontra-se fechada, mas mantém todo o patrimônio cultural, sob os cuidados da família que periodicamente, realiza a limpeza.

2 Fideralina: senhora das terras, do matriarcado e do tricô

A história de dona Fideralina, abordando a sua atuação política no final do século XIX e início do séc. XX, no município cearense de Lavras da Mangabeira foi classificada pelos entrevistados em dois tipos de memórias. A escritora Raquel de Queiroz a caracterizou como “senhora de muitas terras,

de muito gado, de muitos moradores, cercada de cabras valentes, prontos a matar e morrer na defesa da sua ama, exercendo os poderes de alta e baixa justiça, cuja investidura o seu tempo e a sua condição lhe conferiram”. (QUEIROZ apud MACEDO: s/d: 58)

Dona Fideralina viveu consoante ao regime político sustentado em relações clientelistas que surgiram e prosperaram “em estruturas sócio-econômicas tradicionais, marcadas pela economia de base familiar ou patriarcal, sendo caracterizadas por relações de dependência mútua dos envolvidos, alicerçadas na troca de favores.” (GONDIM: 1998: 15) Nesse contexto, Fideralina se destaca por desempenhar um papel político preponderante, podendo considerá-la como matriarca.

Filha mais velha de João Carlos Augusto, tradicional chefe político local, que gozava de prestígios na vida administrativa da Província do Ceará, após a morte dele, Fideralina deu continuidade às atividades político-partidárias. (MACEDO: s/d: 56) Sua atuação a tornou símbolo do mandonismo da política coronelista cearense, conforme a comparação feita por José Pinto de Sá Barreto:

*O Belém manda no Crato
Padre Cícero em Juazeiro
Em Missão Velha Antônio Rosa
Barbalha é Neco Ribeiro
Das Lavras Fideralina
Quer mandar no mundo inteiro.*

A representação de dona Fideralina com o domínio do poder político contrasta com as práticas femininas da época, sobretudo pelo reduzido espaço de poder público que as mulheres ocupavam. O exercício do poder através da força física, característico do período, não era comumente exercido por mulheres. Por isso, enfatiza-se a sua valentia. O poeta lavrense, Gentil Augusto Lima, a classificou como sendo a “mais brava e de muito mais valor do que Bárbara de Alencar e Anita Garibaldi.” Expressa o orgulho em relação a conterrânea ao compará-la com personagens históricos reconhecidos nacionalmente, pela mesma característica de valentia, representando para o poeta uma forma de elevação de sua identidade local.

Dona Fideralina nasceu e morreu no município de Lavras da Mangabeira. Proprietária de muitas terras, tinha duas residências fixas. O casarão da rua Major Idelfonso⁴ e outra casa no sítio Tatu. Seus descolamentos da sede para o sítio eram a cavalo ou de liteira. Atualmente, a falta de estradas no trajeto

⁴ O Major Idelfonso Correia Lima, esposo de dona Fideralina, faleceu em 27 de dezembro de 1876. O casal teve sete filhos. Vale lembrar que mesmo sendo dona Fideralina uma personalidade mais popular que o próprio esposo, ele foi homenageado com um nome de rua no seu município e dona Fideralina recebeu tal homenagem apenas na cidade de Fortaleza.

da sede municipal-sítio conserva o seu “estado de natureza”, sendo possível imaginar dona Fideralina em seus deslocamentos. Em suas andanças, ela não se separava do seu bacamarte, mesmo com sua guarda, composta de homens valentes. Conforme os dizeres de poetas populares:

*P’ra ser cabra do Tatu
precisa trazer a sina
de manejar o bacamarte
da Velha Fideralina.
(MACEDO: s/d: 56)*

Dona Fideralina, através da força, mobilizava homens armados. A violência coexistia com a adesão fundada na lealdade e na gratidão. Segundo Linda Gondim (1998: 17), “este aspecto do coronelismo, comum a outras formas de clientelismo, remete a sua função integradora numa sociedade altamente estratificada, na qual a intervenção do poder público e a vigência de direitos políticos formais estão longe de garantir os direitos de cidadania”.

Nesse caso, “bando de delinqüentes, capitaneados por chefes audaciosos, talavam o Estado, desafiavam as autoridades e transitavam publicamente pelas vilas e cidades”. (MONTENEGRO apud MACEDO: s/d: 55) Atestado de uma época sem fronteiras entre o público e o privado, imperando a lei do mais forte ou do mais valente. (PARENTE: 2000) A carência popular de representação de seus direitos faziam-na permanecer ao lado daqueles “com capacidade para fazer ‘favores’ a subordinados destituídos de direitos”. (GONDIM: 1998: 18)

O excêntrico de dona Fideralina não dizia respeito apenas as suas relações com os subordinados dos quais conseguia “adesão”. De acordo com a “memória mítica”, o uso da força ocorria também em relação aos próprios familiares. Nesse sentido, uma “memória dos fatos” relata que dona Fideralina teria colocado o seu filho Honório Correia Lima, no cargo de Intendente, mas não tendo correspondido ao que a mesma desejava, em 1907, o depôs do poder pela força do bacamarte, colocando em seu lugar o outro filho, Gustavo Augusto Lima.⁵

Na “memória mítica”, consta que dona Fideralina mandou assassinar o próprio filho, porque, no exercício do poder político, não estava atendendo o seu interesse. Entretanto, na hora da emboscada, a mesma teria se arrependido e gritado: “não matem o meu torto.” Em seguida, teria dito que “melhor seria se tivesse parido um rolo de arame farpado do que ter dado a luz aquele seu

⁵ A deposição é relatada no jornal Unitário de 3 dez. 1907, sob o título, “Deposição a bacamarte.”. Mas vale salientar que nos livros da Prefeitura de Lavras, no período de 05 de agosto de 1905 a 04 de maio de 1908, consta como intendente o sr. Manoel José de Barros.

filho”. A propagação de ambas as memórias, no meio popular, não estigmatizaram dona Fideralina como uma “mãe má”. Na verdade, o que se verifica é que após a narração dos feitos, busca-se enumerar qualidades que superem as práticas que poderiam ser reprováveis. Conforme se verifica abaixo:

“... era uma senhora dona do lar; educava seus filhos com uma educação rígida, com respeito e obediência. Fiava, fazia varandas de rede e com fé rezava o Ofício de Nossa Senhora, além de quinzenalmente mandar celebrar a missa na capela do Sítio Tatu, propriedade onde residia.”

Nas reconstruções populares, evidencia-se o destaque para a feminilidade da personagem, suas qualidades maternas e a realização de serviços de fiar, costurar. A referência à “educação rígida” não reflete, para a entrevistada, a tradicional conotação que o termo exprime, mas nos desafios atuais para educar os filhos em moldes flexíveis.

Após a enumeração de argumentos que restabelecem sua integridade, os entrevistados formulam a construção identitária com a personagem: “acreditava que atrás daquela figura forte e destemida existia uma mulher assim como nós, assim frágeis, assim simples, e quem sabe cheia de medos.”

Evidencia-se uma análise sobre dona Fideralina que não contrapõe “temor e delicadeza”. Assim destaca-se: “essa mulher que todos temiam, gostava de fazer tricô, de rezar, e que amava demasiadamente todos os filhos que tivera”.⁶

3 Fideralina: senhora de escravos, sangue e oração

Na visita à segunda residência de dona Fideralina, no sítio Tatu, encontramos outro espaço de significativo valor patrimonial, referente à memória não só de dona Fideralina ou da sociedade local, mas de uma estrutura característica dos latifundiários, escravocratas, fazendeiros, portanto, de representação nacional. Aliás, um dos primeiros objetos a ser observado dentro de sua casa, é um quadro na parede com um mapa das propriedades de dona Fideralina. Os espaços e objetos do seu sítio registram ou evidenciam os seus atos, bem como dão margens à imaginação, produzindo novas “memórias míticas”.

No sítio, dona Fideralina concentrava um grande número de escravos. Ao lado da casa e á sombra de uma grande árvore antiga, avista-se uma belíssima paisagem do açude, que foi construído pelos escravos com o auxílio de carros puxados por bois. No lado direito da casa, situavam-se os engenhos de açúcar.

⁶ Entrevista realizada com Débora Macedo.

Destes, resta a caldeira Maria fumaça e uma vaga lembrança de homens que auxiliavam na cultura canavieira conhecidos, localmente, como flamengos.

Uma poça d'água indica que ali era uma cacimba, da qual se retirava água para dona Fideralina beber e tomar banho. Na visita, tentávamos com interesse encontrar o local exato da referida cacimba. Pois é de lá que a memória popular afirma que um dia dona Fideralina, ao encontrar um de seus escravos tomando banho em sua cacimba, o castigou a nunca mais se banhar. O homem teria vivido mais de noventa anos, cumprindo o castigo que lhe foi imputado.

⁷ Vale ressaltar que na localidade as memórias míticas existentes não se restringem a dona Fideralina. Destacamos aqui a memória mítica sobre a origem da cidade a partir da construção da Igreja. Conta-se que um vaqueiro encontrou uma imagem de madeira, de São Vicente Ferrer debaixo de uma árvore e que o mesmo teria levado para a casa e guardado dentro de um baú. No dia seguinte o vaqueiro encontrou, no mesmo local, outra imagem do mesmo santo. Mas quando o vaqueiro chegou em casa verificou que a imagem que havia guardado no baú não estava mais lá. Isto teria acontecido por três vezes. A partir deste fato foi decidido que no local daquela árvore seria construído uma igreja, e assim fizeram. A imagem de madeira ainda existe na cidade e é preservada de geração em geração, por familiares.

Débora Macedo, uma das entrevistadas, disse que essa história do castigo foi a que mais lhe chamou atenção. Assim, “encucada” procurou várias pessoas nascidas na época em que Fideralina era moça e chegou à seguinte conclusão: “realmente a história é verdadeira, o negrinho morreu 100 anos depois, e quem me disse isso foi um sobrinho dela que ainda hoje tem o cadeado da senzala.”

Na realização das entrevistas foi comum observar uma preocupação em estabelecer um posicionamento entre a “memória mítica” e a “memória dos fatos”, buscando comprovar “a verdade”. Contudo, tornou-se inesgotável a produção de novas memórias míticas.⁷ Uma das entrevistadas, após narrar uma curiosidade sobre o “moleque assobiador” em que “dona Fideralina o fez assobiar até ficar de beigo inchado”, comentou que “criou-se a respeito de dona Fideralina todo um folclore”, que se reproduz com grande facilidade na “boca dos cantadores” e dos populares.

A representação de d. Fideralina, como uma mulher religiosa tem por base a existência de uma capela construída no Sítio Tatu, na qual mandava, mensalmente, celebrar missa. Atualmente, a capela mantém com originalidade, apenas as imagens dos santos, o altar com suas toalhas, os bancos e as calçadas laterais. O restante foi destruído por um raio no ano de 1961, sendo reerguida em 1999. À reação da natureza, a sua casa de oração é dispensável enumerar explicações para tal fenômeno, uma vez que se espalha, nos meios populares, que dona Fideralina cotidianamente, da sua cadeira de balanço, no alpendre, observando o trabalho dos escravos, para intimidá-los, rezava com um rosário feito de orelhas arrancadas dos seus inimigos ou de quem não atendesse as suas ordens.⁸ Portanto, sobre a destruição da capela pelo raio, poucos se arriscam a emitir opiniões. Embora em relação ao rosário de orelhas sejam tecidas diversas opiniões. Uma das entrevistadas disse que ao observar a mesinha onde dona Fideralina costumava rezar, indagava se a mesma teria coragem de rezar com um rosário de orelhas.

⁸ Nos ditos populares arranhou-se um lugar para guardar o referido rosário. Diz-se que vive guardado na igreja do Crato.

No interior da casa, havia um compartimento que servia de esconderijo dos protegidos de dona Fideralina, como também era tido como local de castigos para os escravos rebeldes, os quais morriam asfixiados. Um fato curioso é que só existia uma única passagem, que dava acesso a esse esconderijo, localizado no quarto de Fideralina, sempre coberto por seu baú. Na parede deste compartimento, existe uma mancha de sangue, em forma de cruz na parede. Após várias pinturas na parede a mancha não se apagou. Afirma-se que a cruz de sangue era feita com partes do corpo das pessoas que ali morriam. Conta-se, inclusive, que Lampião foi um dos protegidos de dona Fideralina, que se refugiou neste local.

Na cozinha ainda com o fogão de barro, mantém-se também um armário em que a mesma guardava o seu bicho de estimação, uma jibóia. Na observação dos objetos, olhares atentos buscam além de comprovar os ditos populares, descobrir outras “novidades”. Assim, observávamos no terraço algumas estacas de madeira. Sobre as funções das mesmas, logo correu a notícia de que elas serviam para a exposição das cabeças dos inimigos mortos ou dos escravos castigados. Indagamos sobre suas funções e a moradora da casa, uma senhora, casada com um parente de dona Fideralina, respondeu que ali era o local de escorar a carroceria do caminhão.

Quando se fala em dona Fideralina, espera-se encontrar mais informações sobre seus atos. Ocasionalmente, na Rodoviária de Fortaleza, entrevistei dona Francisca,⁹ uma senhora lavrense com mais de 70 anos de idade. Quando indaguei sobre dona Fideralina, a mesma pediu para eu não falar nesse nome, aguçando a minha curiosidade. Após discretas tentativas de descobrir porque o nome de Fideralina a incomodava, a mesma com um tom de tristeza disse que lembrava a sua mãe. Então, com muito arroudeio não poderia deixá-la, até descobrir o que dona Fideralina teria feito a sua mãe. Porém, ela disse que sua mãe, quando moça, era muito amiga de dona Fideralina e que, desde criança, ouvia a sua mãe falar da amizade das duas, das festas e brincadeiras que realizavam juntas. Na opinião da mãe de dona Francisca, a dona Fideralina era uma mulher enérgica ou como disse a maioria das entrevistadas: “dona Fideralina gostava de colocar os pingos nos ‘is’.”

Na memória popular e dos pesquisadores, de dona Fideralina, existe um misto de encanto e curiosidade. Questionei a uma das entrevistadas o que achava das “memórias míticas” e as “memórias de fatos” e a mesma respondeu:

Confesso que achei um pouco duvidosa e engraçada a história daquela mulher, pois segundo o povo de Lavras

⁹ Apesar de se identificar apenas pelo nome de Francisca, consegui que me desse uma foto sua.

até Lampião tinha medo de dela. Mas à medida que eu buscava fontes de pesquisa sobre Fideralina, me encantava mais ainda por sua história, cheguei a desejar poder voltar o tempo pra ver se tudo o que o povo falava e escrevia era verdade.

Ao entrevistarmos a jovem Iara Lopes de Aquino, a mesma considerou que é motivo de “orgulho para nós, mulheres lavrenses, termos em memória a baluarte Fideralina. Muitos classificam-na como vingativa, mas diria eu que a sua história é baseada em justiça onde pagavam as pessoas merecedoras.” A autenticidade de dona Fideralina se manifesta especialmente, porque nos seus “atos de justiça” não poupava os próprios familiares, como foi o caso da tomada do poder, através da força, do próprio filho. Ainda que tal fato tenha ocorrido para garantir sua permanência no controle político.

Na relação de alteridade infere-se também a negação da “memória mítica”. Assim comenta Iara Aquino: “como é sabido, existem muitas histórias em seu nome, não podemos afirmar que todas são verídicas, portanto, admiro Dona Fideralina pelos seus exemplos e queria eu poder ter tido o privilégio de conviver com a mesma para melhor conhecê-la.”

Nos interstícios dessas memórias podemos entrever as representações identitárias, relacionadas com sua vida pública e privadas, tais como: mulher de pulso forte, mãe e esposa, rigorosa na educação dos filhos, religiosa e delicada nos trabalhos manuais como tricô, crochê. Nessa dialética verifica-se o abrandamento das ações impulsivas, consideradas como enérgicas, exageros, mentiras.

Desse modo, consideramos que as narrativas sobre dona Fideralina são vocalizações da cultura oral, que não se enquadram em enredos lineares e progressivos. (Walter Ong: 1998: 161-162) Conforme destacou Walter Ong (1998: 166): “a narrativa oral não está muito preocupada com o paralelismo seqüencial exato entre a seqüência na narrativa e a seqüência em referentes extranarrativos.” Nesse caso, nas narrativas sobre dona Fideralina, a inexistência de paralelismo, linearidade, entre as memórias míticas, em si mesmas, ou comparadas às memórias dos fatos, indicam a subsistência das culturas orais, mesmo em meio à “nova oralidade das linguagens tecnológicas (escrita, televisão, rádios)”. (ONG; 1998: 19)

As “memórias míticas” sobre dona Fideralina são narrativas, entendidas como “formas artísticas verbais” que subjazem, como característica da maioria das culturas orais, que geram “narrativas ou séries de narrativas notáveis, tais

como as histórias das guerras troianas entre os antigos gregos, as histórias de coiotes entre diferentes populações nativas norte-americanas, (...). (ONG: 1198: 158) Portanto, abrigam saberes duradouros, de repetições, em que são “recriadas” e “ressignificadas” a cada nova geração, estabelecendo laços de identidade e/ou alteridade de acordo com o contexto sócio-cultural. Segundo Gisafran Jucá (2003:31), na história oral, existe uma memória objetiva e outra subjetiva. Na primeira se “preservam os fatos” e na segunda “além da informação descritiva, a peculiaridade da abordagem apresentada, de acordo com os sentimentos expressos pelo depoente”. Desse modo, concluímos que a “memória mítica” sobre dona Fideralina envolve práticas das culturas orais, pois através da história oral subjetiva ocorre o processo de identidade e alteridade.

ABSTRACT: This article deals with the history, public and private, of the life of Mrs. Fideralina Augusto de Lima, representative of mandonismo of Ceara's inland political life, covering the period between the end of 19th and the beginning of 20th century. The senses of Mrs. Fideralina's "mythic memory" were analysed, inside a popular narrative, as a representation of oral cultures, which subsist among the "new" orality of technological speech.

Key Words:
Memory/Orality;
Identity; Public//
Private

Bibliografia

GONDIM, Linda Maria de Pontes. *Clientelismo e Modernidade nas políticas públicas: os "governos das mudanças" no Ceará (1987-1994)*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. *A oralidade dos velhos na polifonia urbana*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.

MACEDO, Joaryva. *Império Bacamarte*. Fortaleza: Casa de José de Alencar, s/d.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas, SP: Papirus, 1998.

ORÍÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. in: BITTENCOURT, Circe. (Org.) *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1998.

PARENTE, Josênio. *A fé e a razão na política: conservadorismo e modernidade das elites cearenses*. Fortaleza/Sobral: Edição UFC, Edições UVA, 2000.

SCHMIDT, Benito Bisso. A biografia histórica: o “retorno” do gênero e a noção de “contexto”. In: GUAZZELLI, César Augusto Barcellos et al. *Questões de Teoria e metodologia da História*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.

XAVIER, Regina Célia Lima. O desafio do trabalho biográfico. In: GUAZZELLI, César Augusto Barcellos et al. *Questões de Teoria e metodologia da História*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.